

O rádio expandido no enfrentamento à pandemia de Covid-19: a experiência da Rádio Universitária Paulo Freire

Expanded radio confronting the Covid-19 pandemic: the experience of Rádio Universitária Paulo Freire

La radio expandida en el enfrentamiento de la pandemia de Covid-19: la experiencia de Rádio Universitária Paulo Freire

Cecília Almeida Rodrigues Lima, Yvana Fechine, Ana Veloso, Paula Reis Melo e Ivo Henrique Dantas

Resumo

A exigência de produção de conteúdo de modo remoto para cumprir as recomendações de distanciamento social impostas pelo novo coronavírus levou as emissoras de rádio, grandes ou pequenas a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. Além de impor às emissoras novos modos de produção, a pandemia, no Brasil, foi marcada pelo anticientificismo e pelo negacionismo, desafiando as rádios universitárias. Nesse cenário, a Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolveu um conjunto de iniciativas de produção colaborativa e remota, divididas em dois eixos de trabalho, um mais propositivo voltado para a oferta de conteúdos de *informação*, análise e divulgação científica, e outro mais focado no combate à *desinformação* e fake news em torno da pandemia, fazendo ambos a interface entre extensão, pesquisa e formação.

Palavras-chave: Rádio universitária; rádio expandido; divulgação científica; desinformação; fake news.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 28/7/2020; aceito em: 26/10/2020.

>> Como citar este texto:

LIMA, C. A. R.; FECHINE, Y.; VELOSO, A.; MELO, P. R.; DANTAS, I. H. O rádio expandido no enfrentamento à pandemia de Covid-19: a experiência da Rádio Universitária Paulo Freire. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 01, p. 58-90, jan./abr. 2021.

Sobre os autores

Cecília Almeida Rodrigues Lima

cecilia.almeidarl@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9771-0396>

Jornalista, professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco. É doutora e mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFPE. Integrante do Obmídia (UFPE) e do projeto de pesquisa/extensão "Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus".

Yvana Fechine

yvana.fechine@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0003-3085-2661>

Jornalista, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. É bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É pesquisadora *associada ao Centro de Pesquisas Sociosemióticas e ao Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva (Obitel). Integra a equipe de gestão e do projeto "Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus".

Abstract

The requirement to produce content remotely to comply with the social distancing recommendations imposed by the new coronavirus has led radio stations, large or small, to reinvent professional routines, formats and modes of circulation. In addition to imposing new modes of production on broadcasters, the pandemic in Brazil was marked by anti-scientificism and denialism, challenging university radios. In this scenario, Rádio Universitária Paulo Freire, a radio school at the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), developed a set of collaborative and remote production initiatives, divided into two axes of work, a more purposeful one aimed at offering information content, analysis and scientific dissemination, and another more focused on combating misinformation and fake news around the pandemic, making both the interface between extension, research and training.

Keywords: University radio; expanded radio; scientific communication; disinformation; fake news.

Resumen

El requisito de producir contenido de forma remota para cumplir con las recomendaciones de distancia social impuestas por el nuevo Coronavirus ha llevado a las estaciones de radio, grandes o pequeñas, a reinventar rutinas profesionales, formatos y formas de circulación. Además de imponer nuevos modos de producción a los organismos de radiodifusión, la pandemia en Brasil estuvo marcada por el anti-cientificismo y la negación, desafiando las radios universitarias. En este escenario, Radio Universitária Paulo Freire, una escuela de radio de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE), desarrolló un conjunto de iniciativas de producción colaborativas y remotas, divididas en dos ejes de trabajo, uno más útil para ofrecer contenido informativo, análisis y difusión científica, y otro más centrado en combatir la información errónea y las noticias falsas en torno a la pandemia, haciendo que sea la interfaz entre extensión, investigación y capacitación.

Palabras clave: University media, University Radio, Infodemic, Pandemic, Scientific Dissemination.

Ana Veloso

ana.cveloso@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0001-6706-3856>

Jornalista, professora do Departamento de Comunicação da UFPE, coordenadora do Observatório de Mídia da UFPE e integrante do Coletivo Intervenções. Coordenadora de Programação da Rádio Universitária Paulo Freire.

Paula Reis Melo

preismelo@yahoo.com.br

Jornalista e professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE, coordenadora geral da Rádio Paulo Freire e integrante da equipe do programa Fora da Curva. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com bolsa-sanduíche do CNPq na Universidade Nova de Lisboa, e mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural pela UFRPE. Pesquisa os processos comunicacionais dos movimentos sociais na sociedade midiática.

Ivo Henrique Dantas

ivohenrique.dantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7899-8390>

Jornalista, Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Especialização em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Integrante do projeto de pesquisa Observatório de Mídias de Conteúdos Informativos sobre Covid-19 (UFPE).

Introdução

No cenário de convergência de mídias, o rádio foi um dos veículos mais pressionados a se reinventar e, como constata Kischinhevsky (2016, p. 13), “surpreendentemente, mostrou maior capacidade de reação do que outros meios de comunicação”. Há muito, o rádio já “transbordou” para múltiplas plataformas, exibindo sua capacidade e agilidade de adaptação para ampliar a distribuição de conteúdos produzidos pelas emissoras também via internet, por meio da expansão de rádios online, da escuta/acesso via aplicativos móveis e das possibilidades de fidelização de públicos com o podcasting⁸. Essa versatilidade do rádio mostrou-se ainda maior quando o Brasil enfrentou a pandemia de Covid-19 e, mais do que nunca, foi urgente levar informações para os lugares mais distantes nos quais a maioria da população não tinha acesso à internet. A explosão de uma das mais pulsantes reinvenções do “novo rádio”, o *podcast*, também teve sensível aumento durante a pandemia. Segundo dados do Spotify (2020)⁹, no segundo trimestre de 2020 o número de usuários ativos que ouvem podcasts cresceu entre 19% e 21%, enquanto a quantidade de conteúdo consumido por este público mais do que dobrou. Além disso, uma pesquisa publicada pela VoxNest¹⁰ identifica o Brasil como o país com maior crescimento no número de podcasts produzidos nos primeiros meses de 2020. Quando observados conteúdos em português, houve um crescimento de 103% durante esse período ao mesmo tempo em que o Brasil também ocupa a quinta posição no ranking de crescimento do número de ouvintes de podcasts.

8. Compreendido como a distribuição, recepção e escuta sob demanda de produtos sonoros (BONINI, 2020), o que possibilita ao usuário o consumo deslocado no tempo e no espaço desse conteúdo, seja por acesso síncrono ou assíncrono.

9. Disponível em: https://s22.q4cdn.com/540910603/files/doc_financials/2020/q2/Shareholder-Letter-Q2-2020-FINAL.pdf Acesso em 15 set. 2020.

10. Disponível em: https://mcusercontent.com/38445fb7288a06856872a31cf/files/od292c4f-bb44-457f-bd3c-e2c822b928ef/Voxnest_2020_Mid_Year_Preview_Report.pdf?mc_cid=92b4722590&mc_eid=fac3432ac4. Acesso em: 09 set. 2020.

A exigência de produção de conteúdos de modo remoto para cumprir as recomendações de distanciamento social impostas pelo novo coronavírus levou a Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. Obrigada a rever seus produtos e procedimentos, quando consolidava seu funcionamento e sua grade de programação, ainda em fase experimental, a Rádio Paulo Freire, uma emissora de Amplitude Modulada (AM), ainda sem perspectivas de digitalização, foi desafiada a se reposicionar. A interrupção de sua grade regular, pela impossibilidade de operação remota, levou a emissora a apostar no que podem ser considerados pilares na atuação de uma rádio escola universitária: pesquisa e extensão integradas a uma experiência de formação discente.

Além da recomendação por distanciamento social, a pandemia da Covid-19 também ocorreu em meio a um cenário de ataques à ciência e às universidades públicas brasileiras. A eleição de um governo de extrema direita, em 2018, institucionalizou um clima de desmerecimento às instituições públicas e de contingenciamento de verbas para a educação e pesquisas científicas. Esse contexto tornou ainda mais importante a atuação das emissoras universitárias como forma de contribuir com a divulgação científica, combater a desinformação e esclarecer a população em linguagem acessível. A pandemia recolocou a ciência e as instituições e universidades públicas no centro do debate público. Agora, é para as instituições científicas que se voltam as expectativas da população, em busca de orientações e soluções. Foi quando a UFPE organizou ações de pesquisa e extensão para o combate ao novo coronavírus no denominado "Observatório Covid -19"¹¹.

Em meio às ações do Observatório, surgiu o projeto "Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus", um conjunto de iniciativas de produção, orientado pela concepção de um "rádio expandido" e dividido em dois eixos de trabalho, um mais propositivo, voltado para a oferta de conteúdos de *informação*, análise e

¹¹ Disponível em: <https://www.ufpe.br/covid-19/observatorio>. Acesso em 07 jul. 2020.

divulgação científica, e outro mais focado no combate à *desinformação* em torno da pandemia, com ambos fazendo a interface entre extensão, pesquisa e formação. O projeto permitiu o engajamento de 30 pessoas, entre professores, pesquisadores, técnicos e estudantes da UFPE, em um processo desafiador de produção colaborativa e remota, trabalhando com os recursos disponíveis em casa. Esse esforço coletivo de produção propiciou uma partilha de saberes e recursos, em relações de caráter mais horizontal, dentro da equipe e desta com seus parceiros fora e dentro da universidade. É esta experiência de parcerias e experimentação de formatos e modos de produção que pretendemos aqui relatar, com o intuito de sinalizar o potencial das rádios universitárias como plataformas de mobilização social.

Como método de investigação, realizamos um inventário das ações realizadas pela Paulo Freire no período em que persistiram as orientações de isolamento social, bem como a descrição do modelo de trabalho adotado pela equipe, com o objetivo de evidenciar como os conceitos de "rádio expandido" e de transmídiação foram incorporados pela emissora em um momento de crise. É preciso, no entanto, entender essa experiência como parte do processo mais amplo de transformação do próprio rádio.

Emissoras universitárias no contexto do rádio expandido

As experiências contemporâneas têm sido caracterizadas por uma série de fenômenos sociais atravessados por práticas comunicativas cada vez mais complexas. Para os veículos de comunicação social, isso significa um período de transição (ou sobreposição) entre diferentes modelos de produção, no qual se assume cada vez mais uma perspectiva de convergência midiática (JENKINS, 2009), potencializada pelo crescente acesso às redes de comunicação em todo o mundo e pela consolidação de múltiplas plataformas de distribuição de conteúdo midiático nos mais diversos formatos. Por convergência midiática compreendemos um ambiente em que meios tradicionais e digitais se relacionam de modo cada vez mais intrincado, com fronteiras menos rígidas ou quase inexistentes (JENKINS, 2009).

A crescente onipresença das plataformas digitais de comunicação soma-se à cadeia produtiva do rádio. Kischinhevsky (2014, p. 148) salienta que o rádio já pode ser considerado como um

“meio expandido, que não se limita às ondas hertzianas, integrando um complexo industrial de radiodifusão dentro do qual se pode pensar em diferentes modalidades de plataformas de difusão: 1) quanto à distribuição: aberto, por assinatura ou de acesso misto; 2) quanto à recepção: síncrona ou assíncrona; 3) quanto à circulação: aberta, em plataformas/ aplicativos de livre acesso, ou restrita, em serviços de *microblogging*¹², *podcasts* ou *web radios* em que é preciso se cadastrar para participar, ainda que o acesso seja gratuito”.

É assim que o rádio “transborda” para múltiplas plataformas, consolidando suas características e versatilidade de adaptação para ampliar a distribuição de conteúdos produzidos pelas emissoras (KISCHINHEVSKY, 2016).

A concepção de um modelo multiplataforma e convergente tanto na produção quanto na difusão é fundamental para a sobrevivência nesse ambiente midiático, especialmente para as pequenas emissoras – e, em especial, as rádios universitárias – que costumam enfrentar problemas para conquistar audiência. Um caminho para driblar a escassez de investimentos em soluções tecnológicas e as limitações de recursos humanos é a aposta nas redes sociais digitais e na disponibilização de conteúdos *online*, exclusivos ou não, potencializando sua circulação. Orientada pelos novos modos e meios de difusão, uma emissora de rádio pode agora ser pensada ela mesma como uma plataforma de conteúdos e ações que, mesmo embora tenha sua existência ancorada nas ondas de radiofrequência, não se limita mais ao *dial*. No caso das rádios universitárias, soma-se a isso o potencial mobilizador que se pode acionar a partir de sua inserção em um espaço dinâmico de formação, pesquisa e extensão. O desafio de atuar também como uma instância de articulação entre a comunidade acadêmica e desta com outros atores, entidades e movimentos

¹². *Microblogging* pode ser definido como uma forma de comunicação possibilitada pelas novas tecnologias em que os usuários realizam curtas publicações a partir de uma plataforma de compartilhamento de conteúdos. Além de se diferenciar dos blogs por sua restrição de tamanho, a prática do *microblogging* se destaca pela atualização contínua a partir de dispositivos móveis.

sociais está posto para todas as emissoras universitárias, e ainda mais quando se trata de uma rádio escola, como a Rádio Universitária Paulo Freire da UFPE, que assume tal compromisso tanto no próprio nome quanto na sua história.

A Rádio Universitária Paulo Freire: princípios e contextualização

Quando aliadas às inovações oriundas das universidades, institutos de pesquisa, grupos comunitários, ONGs, associações populares, sindicatos e outros sujeitos coletivos, as rádios públicas – e destacamos aqui as rádios universitárias dessa natureza – ganham em criatividade e experimentação. Pelo seu caráter público e desvinculação com a lógica do lucro, elas podem dar visibilidade às informações ignoradas pelas demais empresas, abrindo espaços para atores e movimentos sociais que não têm seus anseios, projetos e reivindicações espelhados nos “produtos” empacotados e distribuídos pelas corporações de mídia. Esse posicionamento deve ser convertido em compromisso quando uma emissora possui a natureza de uma rádio escola, como é o caso da Rádio Universitária Paulo Freire, que faz parte do Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias (NTVRU) da UFPE e é gerida pelo Departamento de Comunicação Social (DCOM).

A concepção de uma rádio escola não significa a mera utilização dos recursos de áudio em uma instituição de ensino para o desenvolvimento de atividades educativas. Inserida no contexto do ensino superior e em um núcleo mais amplo que posiciona a universidade como agente de comunicação pública, a rádio escola é, de um lado, um instrumento de produção e difusão de conteúdos de interesse coletivo, que colaboram para fortalecimento da democracia, cidadania e diversidade e, de outro, um meio para a formação profissional de estudantes de Comunicação e áreas afins. A orientação pelo pensamento do pedagogo Paulo Freire, que está no nome e na origem da rádio escola da UFPE, impulsionam seu projeto editorial e pedagógico para uma “comunicação libertadora”.

Inspirado na pedagogia paulofreireana, esse caráter emancipatório da

comunicação aposta no reconhecimento e investe na autonomia dos sujeitos que a realizam (FREIRE, 1980). Liberdade e autonomia se associam à reflexão crítica sobre a prática. Em todo o processo do ensino-aprendizagem, as três dimensões da universidade se integram, de modo que o ensino, a extensão e a pesquisa possibilitam a construção do conhecimento permanente para além da sala de aula. Como preconiza Paulo Freire, "a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo" (1996, p. 24). É ancorada neste princípio que a rádio escola da UFPE tem priorizado a articulação com os movimentos sociais e comunitários e o protagonismo dos estudantes em sua produção. As próprias identidades visual e sonora da Rádio Universitária Paulo Freire foram elaboradas por estudantes dos cursos de Publicidade, Jornalismo e Rádio, TV e Internet do Departamento de Comunicação Social, com orientação dos professores e apoio técnico da equipe do seu Laboratório de Imagem e Som. O modo como a Rádio Paulo Freire foi organizada e estruturada é um reflexo desses princípios e desse protagonismo estudantil, que ficam mais evidentes quando conhecemos sua história e funcionamento.

A Universitária AM 820 foi criada em 1962, quando Paulo Freire esteve à frente do SEC-UR, o Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (denominação da UFPE à época). O SEC-UR foi uma experiência extensionista pioneira no Brasil que, na época, reuniu muitos intelectuais progressistas do Estado (MENDONÇA; VERAS, 2004, p. 15). A rádio já fazia parte do projeto educacional liderado por Paulo Freire e prova disso foi a veiculação do programa radiofônico "Cultura Popular e Alfabetização", levado ao ar pelo Movimento de Cultura Popular, uma ação criada em 13 de maio de 1960 com a missão de emancipar as classes populares por meio da alfabetização e educação. Com novo nome e sob a gestão do Departamento de Comunicação Social, a emissora passou funcionar como rádio escola, a partir de sua mudança de estatuto e regimento¹³, aprovada em 22 de novembro de 2018, depois de um longo período

¹³. Disponível em:

espelhando somente a programação da Universitária FM por falta de um quadro próprio de pessoal.

A mudança do nome da emissora, que marca a sua nova fase, justifica-se não apenas pela homenagem ao seu fundador, mas também pela influência do pensamento paulofreireano na concepção da rádio escola: de um lado, a identificação e valorização da cultura e saberes das classes populares, e, de outro, a aposta em um conhecimento que se constrói junto, a partir de mecanismos de participação e reconhecimento do *outro*. Esta orientação é evidenciada pelo slogan 'Rádio Paulo Freire, a rádio que fazemos juntos', com o qual se indica um diálogo imediato com o pensamento de Paulo Freire. Segundo ele, "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo" (FREIRE, 2015, p. 25).

Como rádio escola, a Paulo Freire passou a operar com programação própria a partir de fevereiro de 2019. Desde que entrou no ar em sua nova fase, a rádio AM da UFPE veicula uma grade própria de seis horas diárias composta por programas e conteúdos produzidos 1) pela própria equipe da rádio, constituída por alunos bolsistas e voluntários junto com a equipe gestora; 2) pela comunidade acadêmica; 3) por outras emissoras universitárias; e 4) pela sociedade civil por meio de chamadas públicas. No restante do dia, a Paulo Freire espelha a programação da Universitária FM 99.9 MHz, pois ainda não possui um quadro de pessoal que permita sua inteira autonomia de programação.

Antes da pandemia, a rotina da rádio se dava da seguinte maneira: os programas eram produzidos e apresentados por estudantes voluntários e oito bolsistas do Departamento de Comunicação Social, oriundos dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Rádio, TV e Internet. Cada equipe é orientada e supervisionada por um professor responsável, enquanto o acompanhamento técnico cabe à coordenação operacional.

<<https://www.ufpe.br/documents/38982/2380264/Res+2018+02+CONSAD+%28Radio+Paulo+Freire+820+AM%29+Homologada+em+23.11.2018.pdf/85af81e3-c057-488e-b299-9b4c8a39b599>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

Todos os programas são veiculados por *streaming* no perfil da rádio no Facebook e YouTube, com divulgação também por Twitter e Instagram¹⁴. Após a veiculação, os programas ficam disponíveis no YouTube. Dessa forma, as mídias sociais são usadas de forma a complementar, cada uma, a experiência de recepção e circulação dos conteúdos, explorando a transmidiação, definida por Fechine et al. (2013) como

[...] um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelo ambiente de convergência (FECHINE et al, 2013, p. 26).

O quadro abaixo sistematiza as funções desses perfis nas mídias sociais.

Quadro 1 – Perfis da Rádio Paulo Freire nas plataformas de redes sociais digitais¹⁵

Plataforma	Função principal	Seguidores / fãs	Link
Facebook	Fornecer a transmissão ao vivo, via streaming, dos programas transmitidos pela rádio.	1.794	facebook.com/radiouniversitariapaulofreire
Instagram	Divulgar dia e horário de veiculação dos programas, além de conteúdos extras produzidos pela equipe. Fornecer material de bastidores e depoimentos de convidados.	2.515	instagram.com/radiopaulofreire
Twitter	Descrever melhores momentos dos programas veiculados pela rádio, em tempo real. Interagir com ouvintes e perfis parceiros. Reiterar a divulgação de conteúdos nas demais plataformas e no site.	833	twitter.com/paulofreireufpe
YouTube	Armazenar os programas de rádio produzidos pela equipe de bolsistas, além de conteúdos	281	youtube.com/RádioUniversitáriaPauloFreire

¹⁴. Além da frequência 820 AM KHz, durante a pandemia, a programação da Paulo Freire também passou a ser veiculada ao vivo pelo endereço <https://orelha.radiolivre.org/radiopaulofreire>.

¹⁵. Números consolidados em 19 set. 2020.

	complementares feitos em vídeo. Durante a pandemia, também foi utilizado para transmissões ao vivo.		
--	---	--	--

As plataformas de redes sociais digitais têm demonstrado função fundamental para que uma rádio de Amplitude Modulada possa ampliar seu público, não somente junto à comunidade acadêmica, mas também para além dos muros da universidade, alcançando outros atores potencialmente interessados nos conteúdos veiculados pela rádio. As mídias digitais caracterizam-se por uma linguagem híbrida e com possibilidade de personalização, para atingir públicos específicos com interesses similares. Além disso, possibilitam que os conteúdos da rádio tenham um alcance local, nacional ou até global, a depender do engajamento do público ouvinte (MARTINO, 2014). Também as plataformas favorecem uma comunicação quase instantânea com receptores, que podem enviar perguntas, críticas ou sugestões, contribuindo para a melhoria dos processos e para o crescimento da rede formada em torno da rádio, ampliando a propagabilidade dos conteúdos veiculados (JENKINS; FORD; GREEN, 2015).

Com esse lastro nas plataformas de redes sociais digitais, no seu primeiro ano de transmissão, a programação foi composta pelos seguintes programas selecionados via chamada pública: Entre, Chega Junto, Arqueologia em Evidência, Musicac, Papo reto no rádio, Cantando e brincando nas ondas do rádio, Papos & Beats. Já os programas produzidos pela própria equipe da rádio, constituída por alunos bolsistas sob a supervisão dos professores, foram: Eco Ideia, Descomplica Dados, Na hora da Sesta, Várzea Cultural, Caderno de Cinema, Cuscuz com Quê, Sessão Kids, Amplitude 88, Codinome Resistência, Nossa Pauta, 820 no Ar e Saúde é o Tema¹⁶.

O "Saúde é o Tema" abre espaço para professores, pesquisadores e profissionais dos cursos na área de saúde e do Hospital das Clínicas na UFPE. Pela temática,

¹⁶ . Para uma descrição dos programas, acesse: <https://sites.ufpe.br/rpf/programas-do-departamento-de-comunicacao-da-ufpe/>

mas também por sua transversalidade, o “Saúde é o Tema” foi tomado como produto de referência para as ações em torno da pandemia de Covid-19 englobadas pelo projeto “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”, que mobilizou toda a equipe e reposicionou a programação e produção da emissora, como veremos a seguir.

Uma plataforma midiática, uma plataforma social¹⁷

Em Pernambuco, todas as atividades acadêmicas presenciais foram suspensas em 16 de março de 2020, em função da necessidade de medidas de distanciamento social na tentativa de conter a propagação do SARS-CoV-2. De suas casas, professoras e pesquisadores envolvidos na construção do projeto da rádio escola começaram a discutir possibilidades de pesquisas e ações para enfrentamento do novo coronavírus, dentro da área de conhecimento do grupo, a Comunicação Social.

Uma dificuldade impôs-se de saída. Por dispor de infraestrutura e condições tecnológicas limitadas, não foi possível operar a rádio de modo remoto. Por isso, a programação própria foi suspensa durante o período de isolamento social determinado pelas autoridades sanitárias em Pernambuco. A rádio passou a retransmitir integralmente a programação da Universitária FM. Porém, a equipe gestora da Paulo Freire conseguiu acomodar na grade da FM os conteúdos produzidos como parte do projeto especial “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, com vigência de seis meses. O projeto incorporou à equipe da rádio mais seis bolsistas pelo período de duração do projeto (de maio a outubro de 2020), todos trabalhando em casa com os recursos disponíveis.

¹⁷. Ainda merece menção, embora não seja um programa nativo da Rádio Paulo Freire, o “Programa Fora da Curva: Especial Coronavírus”, projeto de extensão realizado por professores do Departamento de Comunicação Social (SANTANA, 2019), veiculado pela Rádio Universitária FM, que também adotou modelo de produção remota no período, oferecendo análises políticas, sociais e econômicas a partir do contexto da pandemia, utilizando transmissões ao vivo e podcasts como forma de disseminação do conteúdo. Por não se tratar de uma produção específica da Rádio Paulo Freire, este produto em particular merece ser tratado em investigação à parte.

No momento em que as aulas estavam suspensas na UFPE, a rádio Paulo Freire funcionou também como um espaço de formação, envolvendo professores e estudantes em um processo de aprendizado mútuo em torno de novas possibilidades de comunicação.

A limitação de espaço de veiculação dos conteúdos da Paulo Freire na grade da Universitária FM, associada ao trabalho remoto realizado com restrições, levou a equipe a experimentar formatos que ainda não haviam sido explorados em suas produções. Foram propostos, de um lado, formatos multiplataforma, concebidos numa lógica “dois em um” ou “três em um” (uma transmissão ao vivo no Facebook que se transforma em programa de rádio, distribuído posteriormente também como *podcast*) e, de outro, conteúdos pensados originalmente para outras redes de circulação incorporadas à órbita do “rádio expandido”, como listas de transmissão e grupos de WhatsApp. Todos os produtos foram pensados como parte de duas grandes ações: “Saúde é o Tema”, com foco dirigido à informação qualificada acerca da Covid-19 e “Coronavírus em xeque”, preocupado em combater a desinformação em torno da pandemia em seus múltiplos desdobramentos. A seguir, apresentaremos cada uma dessas ações.

Saúde é o Tema – Especial Coronavírus

“Saúde é o Tema” envolveu a produção semanal de um programa de entrevistas transmitido ao vivo pelo perfil da rádio no Facebook e no YouTube, com a consultoria de professores de saúde coletiva da UFPE. A partir do arquivo de áudio gerado pela transmissão, o conteúdo também foi distribuído via *podcast* e pelas duas emissoras universitárias. Os programas abordaram orientações de saúde, críticas às políticas públicas adotadas pelos governos para o setor e divulgação de pesquisas para tratamento da Covid-19. Os entrevistados foram selecionados pela atuação científica e/ou de ação social para mitigar os efeitos da doença junto a populações de vulnerabilidade social. Esta perspectiva coloca a ciência em diálogo quase direto com a demanda da

sociedade, de modo a destacá-la como área do saber fundamental para a própria existência humana.

Por razões e características distintas, essas duas áreas – a ciência e a ação social – não têm muita visibilidade nos meios de comunicação hegemônicos ou, quando têm, são representadas pela lógica das regras privadas. No programa “Saúde é o Tema”, a comunicação pública é praticada de modo a permitir que os protagonistas (da ciência ou de entidades/movimentos sociais) façam referência ao real nos seus próprios termos, sendo provocados através da realização da entrevista como um “diálogo possível” (MEDINA, 1986). Além da natureza do veículo rádio, que possibilita uma maior aproximação com o ouvinte pela linguagem falada com a espontaneidade dos entrevistados, as redes sociais ampliam a inserção dos programas para outros públicos que não acessam o veículo cotidianamente. Nessa concepção de rádio expandido, o programa que antes seria somente em formato de áudio, com o vídeo passou a ter imagem também, além de todas as interações por meio dos comentários.

A edição “Pesquisa com plasma sanguíneo para o combate à Covid-19”, cuja transmissão ao vivo foi realizada no dia 1 de julho de 2020, por exemplo, deu visibilidade a dois cientistas, um infectologista e uma hematologista, que promoveram a divulgação científica do desenvolvimento do estudo de forma clara e bastante acessível ao público leigo. No final do referido programa, a convidada, hematologista Paula Loureiro, destacou a necessidade de os pesquisadores terem maior interação com a sociedade. O rádio tem esse poder de aproximar os convidados do público, o que pode favorecer com que a ciência seja vista como algo possível de ser entendido e, portanto, defendido.

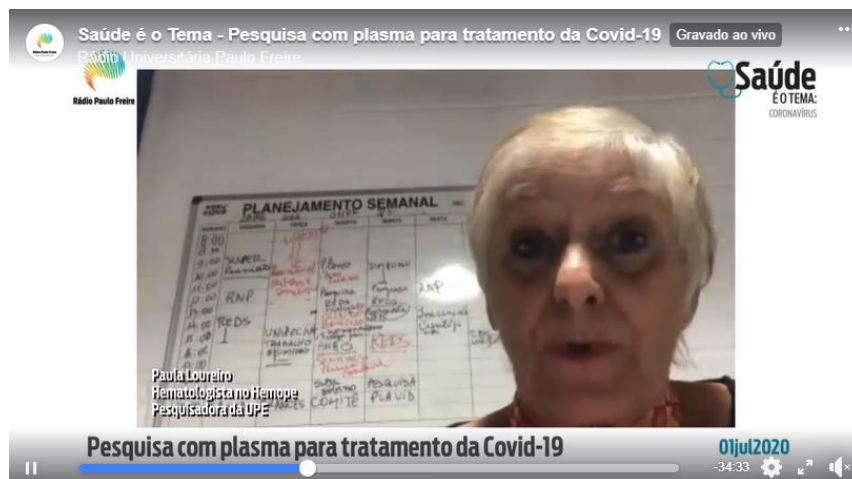


Figura 01 – Exemplo de transmissão ao vivo do Saúde é o Tema: Especial Coronavírus

Fonte: Facebook | Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=1126493207734315>. Acesso em 07 jul. 2020.

O programa buscou aprofundar, nas entrevistas, as questões que afetam a realidade das populações de comunidades mais vulneráveis, de modo que o público pudesse conhecer sua realidade e como seus moradores buscam superar os problemas. Daniel Paixão, integrante da Rede COPPA e do Observatório Popular de Maranguape I, em Pernambuco, foi entrevistado no dia 25 de junho de 2020, sobre a solidariedade durante a pandemia. Ele destacou a importância da abertura do espaço, nas emissoras públicas, para fazer uma reflexão sobre a exclusão das populações em territórios periféricos, o abandono do Estado e a ação coletiva como forma de sobrevivência.

Semanalmente, também foram produzidos em média três interprogramas de até 3 minutos, com especialistas da área de saúde, bem como reportagens especiais para o programa jornalístico “Especial Coronavírus”, veiculado pela Rádio Universitária FM. As produções traziam informações sobre os diversos aspectos relacionados à prevenção, ao tratamento, às consequências e à evolução da pandemia de Covid-19, bem como as medidas sanitárias, as políticas públicas de saúde e os problemas sociais. Além de veiculados nas emissoras universitárias da UFPE, os conteúdos foram disponibilizados no site¹⁸

¹⁸. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/saude-e-o-tema/>. Acesso em 05 jul. 2020.

e redes sociais digitais da Rádio Paulo Freire e encaminhados para rádios comunitárias, rádios web e parceiros. Treze emissoras de rádios (comunitárias e/ou públicas) colaboraram com a veiculação dos interprogramas em sua programação até o momento de finalização deste artigo.

Entre as iniciativas englobadas pelo “Saúde é o Tema” merece destaque o “Manda no Zap”, uma ação que explorou o potencial do WhatsApp¹⁹ para a produção e o compartilhamento de conteúdos, em sintonia com a concepção desse “rádio expandido”. Assim, foi criada a linha de transmissão para divulgar áudios com orientações e dicas sobre como se prevenir do contágio pelo novo coronavírus e de como lidar com a Covid-19 em suas mais variadas dimensões e, em seguida, também vídeos educativos produzidos por outro grupo de pesquisa da Geografia e da Ciência da Informação. Os *spots*, de aproximadamente um minuto, eram direcionados especialmente para comunidades e espaços periféricos e foram concebidos para veiculação, sobretudo, em grupos de WhatsApp, mas também em bicicletas com caixas de som que difundem anúncios em bairros e comunidades da Região Metropolitana do Recife. Até 17 de setembro de 2020, já haviam sido produzidos 79 *spots* para esta iniciativa, dos quais seis foram solicitados diretamente por representantes de comunidades específicas para divulgação em seus territórios.

Foi observado que as mensagens de saúde para prevenção e combate à Covid-19, na mídia em geral, abordam situações que contemplam as condições plenas de higiene, como água encanada em casa ou habitações de alvenaria com mais de um cômodo, o que deixava de fora as populações que moram em territórios periféricos, que não possuem as condições básicas de moradia. Os *spots* foram pensados para essas situações de vulnerabilidade social. Os temas

¹⁹. O WhatsApp é um aplicativo de mensagens com mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo (FOLHA DE S.PAULO, 2020). No Brasil, o último número divulgado dava conta de uma base de cerca de 130 milhões de pessoas (AGÊNCIA BRASIL, 2019). Vale ressaltar que, no Brasil, a maioria das operadoras de telefonia adotam o *Zero Rating*, prática que permite o acesso a aplicativos de redes sociais e mensageiros de forma “gratuita”, ou sem cobrar o tráfego de dados móveis. “Com grande parte da população conectada por aparelhos móveis no Brasil [...], uma vez esgotados pacotes de dados cada vez mais caros e menores, o uso fica restrito aos serviços ou plataformas que ‘não gastam a sua internet’” (IRIS, 2020, informação eletrônica).

contemplavam necessidades de informação identificadas em mapeamentos realizados nesses territórios por professores e estudantes também de outros departamentos, como Geografia e Ciências da Informação, envolvidos em projetos abrigados pelo Observatório Covid-19 da UFPE. Não somente o conteúdo foi elaborado considerando os fatores socioeconômicos como também a forma, a linguagem, buscou se aproximar do universo cultural, com a locução mais coloquial, a música e o repertório.

Sob a orientação dos professores associados ao projeto, a produção dos spots foi feita predominantemente por estudantes voluntários ou bolsistas, mas também foram enviados e gravados por líderes comunitários que, com o suporte técnico-expressivo da equipe da Rádio Paulo Freire, falavam diretamente aos seus territórios. Além de distribuídos em listas de transmissão pelo WhatsApp da emissora e de parceiros da iniciativa, os spots foram disponibilizados para uso livre na seção "Manda no zap", no site da Rádio Universitária Paulo Freire. Circularam ainda em grupos ligados ao Centro Brasileiro de Estudos da Saúde, Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares, Movimento SUS na Rua, Pastoral do Povo na Rua, Cáritas, entre outros.

Os spots foram utilizados, também, pelos Agentes Populares de Saúde e pelas Bikes da Saúde, como parte do Projeto Mãos Solidárias Pernambuco, que envolveu várias entidades e movimentos sociais em ações de orientação e solidariedade na região metropolitana de Recife no período da pandemia. Toda a produção do "Manda no Zap" foi disponibilizada para outras rádios comunitárias ou públicas, como a da Rádio Comunitária Alternativa FM, Coordenada pela Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (PE)²⁰ – AMUNAM e públicas, como a Rádio Frei Caneca FM²¹ (uma emissora ligada à Fundação de Cultura Cidade do Recife). Os spots também foram aproveitados, com fins didáticos, no Curso de Atualização para Agentes Comunitários de Saúde, desenvolvido pela Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco.

²⁰. Disponível em: <http://alternativafmamunam.blogspot.com/> Acesso em 06 jul.2020.

²¹. Disponível em: <http://www.freicanecafm.org/>. Acesso em 06 jul.2020.

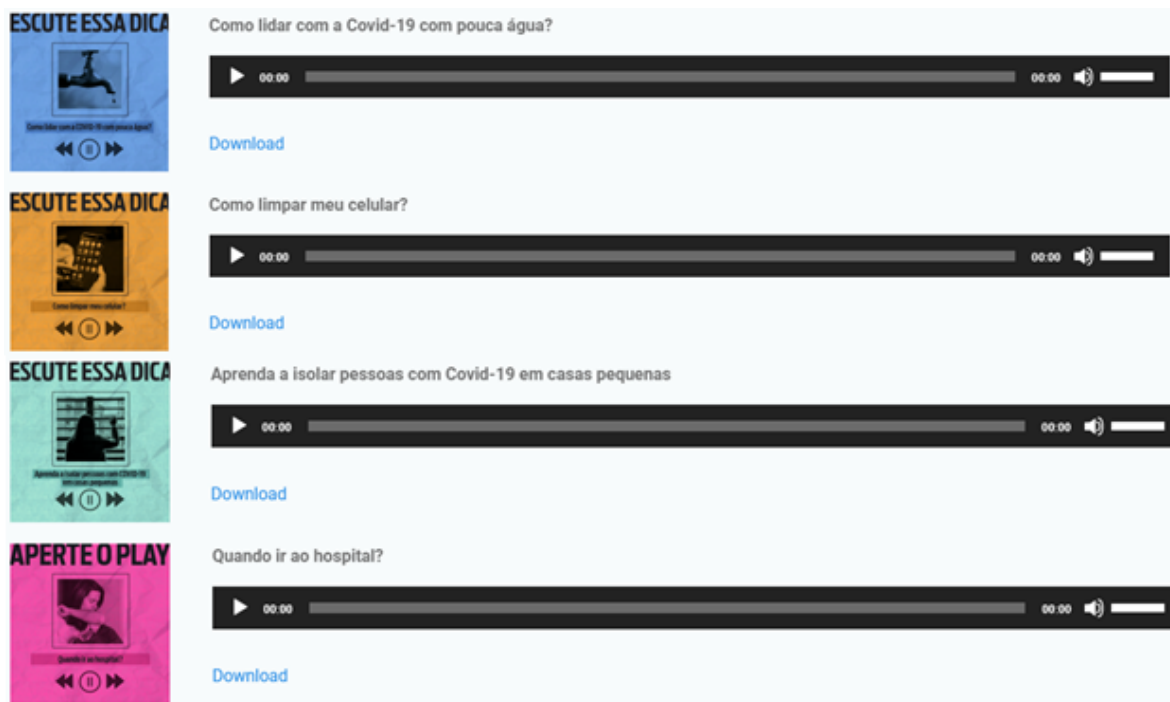


Figura 02: Exemplos de conteúdos disponíveis na seção "Manda no Zap"

Fonte: <https://sites.ufpe.br/rpf/saude-e-o-tema/manda-no-zap/>

A iniciativa pode ser considerada como uma experiência embrionária, no âmbito da Paulo Freire, de uma "rádio zap", baseada na oferta de conteúdos sonoros, em formatos curtos, por meio de listas de transmissão no aplicativo. No caso do Manda no Zap, os conteúdos são distribuídos diariamente, obedecendo a um cronograma de envio organizado, semana a semana, nos moldes de uma programação. O êxito da experiência indica o potencial desse tipo de produção e de distribuição de conteúdos serializados por meio de listas de transmissão do WhatsApp não apenas em momentos excepcionais, como o da pandemia, mas de modo contínuo, dirigido para grupos segmentados de interesse. É possível, a partir de experiências como esta, pensar em outros formatos de programetes feitos de modo exclusivo para veiculação por WhatsApp, bem como outros extraídos ou adaptados da grade de programação²².

²². Cf. por exemplo, <http://www.somosvos.com.br/programa-intervalo-e-radio-zap-a-radio-que-e-transmitida-pelo-whatsapp/> Acesso em 17 set. 2020.

No Brasil, o WhatsApp já se consolidou também como um importante canal para contato e agendamento de pautas e entrevistas na produção cotidiana do jornalismo, como mostram pesquisas realizadas, por exemplo, por Firmino da Silva e Melo (2016). O aplicativo de mensagens já é amplamente usado pelas emissoras de rádio como ferramenta de marketing e, sobretudo, para contatos com os ouvintes (promoções, pedidos, sugestão de pautas, enquetes etc.)²³. Resta explorar mais suas especificidades na criação e veiculação de novos formatos jornalísticos.

Pela característica do aplicativo mensageiro, este eixo do projeto recebeu *feedbacks* diretos do público ouvinte cadastrado na lista de transmissão. Líderes comunitários e representantes de entidades sociais legitimaram a importância dos conteúdos e deram sugestões de pauta que orientaram produções posteriores, como se pode ver pela troca de mensagens abaixo, entre a representante de uma iniciativa social no município de Paulista (PE) e o bolsista responsável pela articulação com outras rádios e parceiros.

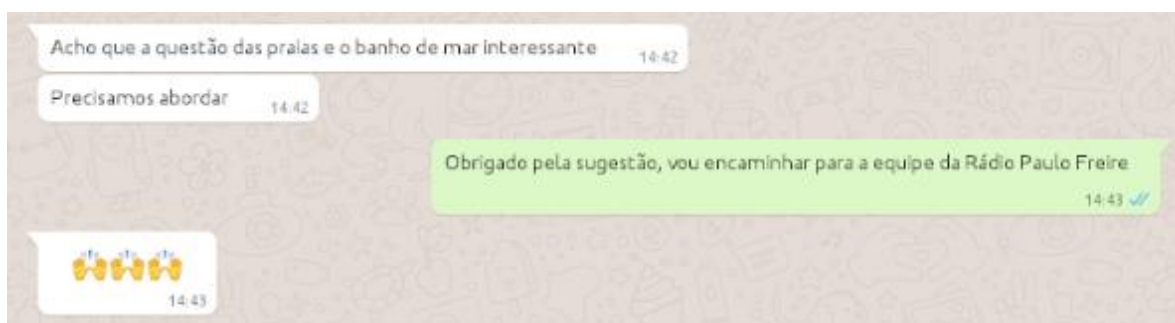


Figura 03: Interação no WhatsApp a partir da lista de transmissão para divulgação de conteúdos.

Também foram produzidos vídeos com dicas de saúde, exibidos pela TV Universitária e armazenados no canal de YouTube da rádio. Juntamente com os interprogramas em áudio, os vídeos compunham uma subseção do site denominada "Momento Saúde". Até o dia 17 de setembro de 2020, já haviam

²³. Disponível em: <<https://maxcast.com.br/blog/como-as-radios-podem-usar-o-whatsapp/>> Acesso em 17 set. 2020.

sido produzidos 30 vídeos nestes moldes.

Coronavírus em Xequê

Além da necessidade de ofertar à população informações qualificadas – e as universidades públicas desempenharam um papel fundamental na produção de conhecimento e soluções para enfrentamento da pandemia –, tornou-se consenso que o mundo vivia também um surto de desinformação e anticientificismo em torno do novo coronavírus. Em abril de 2020, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) nomeou essa onda de desinformação sobre a pandemia como “infodemia”. Teorias da conspiração de que o vírus foi criado na China, em laboratório; receitas caseiras e supostamente milagrosas; orientações sem embasamento científico; ataques a governadores de vários estados brasileiros, entre outros conteúdos, começaram a circular fortemente em plataformas de redes sociais como WhatsApp, Twitter e YouTube²⁴. A partir dessa constatação, nasceu o “Coronavírus em xequê: o risco da desinformação”, que associou inicialmente atividades de pesquisa e, depois, de extensão orientadas, sobretudo, pelo desmentido das *fake news* e pelo combate à pseudociência e ao negacionismo da Covid-19, como pode ser verificado no site do projeto²⁵.

A iniciativa teve origem em um projeto coletivo proposto pelo Observatório de Mídia (Obmídia)²⁶ e pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE na primeira semana de abril de 2020, logo depois das medidas de isolamento social em Pernambuco. Denominado “Observatório de Mídias de Conteúdos Informativos sobre Covid-19”, o projeto previu em uma das suas linhas de investigação o monitoramento e análise de *fake news* em redes sociais digitais que passou a ser identificado como “Coronavírus em xequê”, nome do hot site de divulgação dos resultados desse eixo. Entre as principais

²⁴ C.f. Ondas de desinformação sobre Covid-19 no Brasil vão de curas a caixões vazios. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/02/coronaverificado-ondas-desinformacao/>. Acesso em 16 set. 2020.

²⁵ Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/coronavirus-em-xequê/>. Acesso em 05 jul. 2020.

²⁶ Disponível em: <http://obmidia.org>. Acesso em 05 jul. 2020.

linhas desse eixo de pesquisa, estava a análise de conteúdos desmentidos por iniciativas de *fact-checking* brasileiras, como Lupa e Projeto Comprova; monitoramento de redes sociais digitais por palavras-chave; e análise de perfis de membros do governo nas redes sociais, para verificar como a desinformação pode ser impulsionada por atores políticos. Esse trabalho de pesquisa subsidiou a produção de conteúdos que foi posteriormente incorporada ao “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”.

Além de artigos e relatórios, o “Coronavírus em Xequê” contemplou a produção de interprogramas (drops em áudio de aproximadamente três minutos) contendo análises e orientações em torno das informações que circulavam sobre a pandemia nas redes sociais, além da disponibilização de um podcast semanal, que também era veiculado nas duas rádios universitárias da UFPE. Os conteúdos foram igualmente reunidos e disponibilizados para uso livre em uma seção especial abrigada no site da Rádio Universitária Paulo Freire, além de difundidos pelas redes sociais, rádios web e comunitárias.

As temáticas abordadas em cada depoimento partiam das pesquisas ou especialidade do próprio comentarista, estando sempre de algum modo relacionados ao objetivo de desmentir fake news sobre o novo coronavírus, analisar estratégias mais amplas de desinformação ou discutir iniciativas de combate a este fenômeno. Nesse sentido, muitos dos *drops* tematizaram boatos recorrentes em torno da pandemia, como o uso de remédios como cloroquina e ivermectina, ou imprecisões em torno do discurso científico. A partir das *fakes*, os pesquisadores apresentavam as evidências científicas mais atualizadas até o momento, tentando explicar como funciona o processo científico. Nesse âmbito, o projeto situa o ouvinte no contexto de ataques à ciência que favorece o surgimento desses boatos e teorias conspiratórias. Além do desmentido desses conteúdos *fakes*, os comentários também analisaram estratégias mais gerais da indústria da desinformação, como o uso de robôs, imitação de conteúdos jornalísticos ou uso de dados fora de contexto.



Figura 04: Exemplos de *podcasts* do projeto Coronavírus em Xequê

Fonte: Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/79w4SYLEGbRtIMZ9EUuJu7>. Acesso em: 07 jul. 2020.

O “Coronavírus em xequê” produziu, no total, 20 *podcasts* e 159 *drops*, com uma média de oito interprogramas por semana, contando com a colaboração de professores e pesquisadores de vários departamentos da UFPE, bem como de outras instituições, tais como UFPB, UFMA, UFAL, UFRN, UFBA, Unicap, UPE, UEPB, UFF, Uerj, Fiocruz, Unip, Unicamp, UFMG, UFRGS, USP, Instituto Questão de Ciência e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, entre outras. Também colaboraram profissionais de entidades como a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Coletivo Intervozes, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Marco Zero Conteúdo, Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, Coalizão Direitos na Rede; agências ou aplicativos de checagem, como Aos Fatos, Eté Checagem, Confere Aí, Projeto Comprova, entre outros. Também envolveu, a partir de julho de 2020, uma parceria com o Coletivo Bereia, especializado em checagem de informações em sites e fontes ligados à religião, meios pelos quais também circularam muitas *fakes news*. Como parte da ação, também foram produzidos vídeos educativos

e uma coluna semanal para a TV Universitária (TVU), emissora aberta da UFPE e uma das mais tradicionais do país vinculada a uma universidade. A coluna foi inserida no Opinião Pernambuco, o mais conhecido programa jornalístico da TVU, e posteriormente disponibilizada no perfil da Rádio Paulo Freire no Instagram.

Finalmente, além de todos esses conteúdos, a seção especial do “Coronavírus em Xequê” no site da Paulo Freire também disponibilizou relatórios de pesquisa, artigos de opinião, manuais/cartilhas para identificação de *fake news* e link para agências de checagem de fatos e sites parceiros.



Figura 05: Telas da coluna semanal do Coronavírus em Xequê adaptada para o formato do Instagram TV

Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CBZlBZECclv/>. Acesso em 07 jul. 2020

Modelo de produção

Assim como no “Saúde é o Tema”, as produções do “Coronavírus em xeque” articularam rádio, televisão e internet, a partir da elaboração de conteúdos educativos e analíticos produzidos especificamente para cada uma das mídias, oferecendo experiências de consumo complementares. Desta forma, identifica-se um uso complementar de cada plataforma de mídia utilizada para a distribuição desses conteúdos, articulando rádio, TV e mídias sociais. As duas produções apostaram, então, na construção de um modelo de produção e distribuição *transmídia* (JENKINS, 2009; FECHINE et al., 2013), partindo do rádio como mídia principal, mas aliada à integração de diversas plataformas de mídia com o objetivo de reverberar os conteúdos em outros ambientes midiáticos.

A articulação de plataformas em pelo menos duas mídias distintas é a condição *sine qua non* para a produção dos chamados conteúdos transmídias. Denominamos dessa forma um tipo específico de conteúdo cuja produção de sentido está ancorada na articulação sinérgica entre diferentes mídias/plataformas e no engajamento proposto ao consumidor como parte de um projeto de comunicação assumido por um determinado produtor (ou instância produtora) (FECHINE et al, 2013, p. 28).

Em todos os casos, houve o cuidado por parte da equipe de adequar a linguagem, formato e duração dos conteúdos para atender às especificidades de cada uma das plataformas de mídia utilizadas. Essa reconfiguração dos conteúdos também permitiu que eles circulassem nessa perspectiva da complementaridade. Nesse sentido, os conteúdos voltados para o rádio tinham duração mais longa (de 25 minutos, como no caso do Coronavírus em Xeque, e de 55 minutos, no caso do Saúde é o Tema), enquanto os conteúdos formatados especificamente para os meios digitais tinham duração menor (de no máximo 3 minutos), facilitando sua circulação em ambientes de mídias sociais. Já os conteúdos planejados para a televisão atenderam aos formatos de veiculação tradicionais (vídeos de 30 e de 45 segundos ou de 1 minuto).

O Quadro 02 resume os desdobramentos propostos por cada uma das ações, no que diz respeito ao uso de múltiplas plataformas de mídias:

Quadro 2 – Distribuição em múltiplas plataformas

Ação	Estratégia	Produtos	Distribuição
Saúde é o Tema	Programa semanal de entrevista com especialistas da área de Saúde e Epidemiologia	Transmissão ao vivo (“live”) (cerca de 1h)	Facebook /YouTube
		Programa editado a partir da <i>live</i> (cerca de 56 minutos)	Rádio (AM e FM)
			Site
	Momento Saúde - orientações de especialistas e conteúdos educativos	Interprogramas em áudio (até 3 minutos)	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação
			Site
		Vídeos educativos (até 1 minuto)	TV Universitária YouTube
“Manda no Zap”	Áudios educativos, de até 1 minuto, com dicas de saúde em linguagem popular	Aplicativos mensageiros (WhatsApp)	
		Rádios comunitárias, públicas ou universitárias	
Reportagens especiais	Materiais em áudio, de até 3 minutos, veiculados no programa jornalístico “Especial Coronavírus”	Rádio (AM e FM)	
		Rádios comunitárias, públicas ou universitárias	
		Aplicativos mensageiros (WhatsApp)	
Coronavírus em Xequê	“Drops”	Depoimentos e análises de especialistas de até 3 minutos, orientando cidadãos para auxiliar	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação

	no combate à desinformação	Site Aplicativos mensageiros (WhatsApp) Rádios comunitárias, públicas ou universitárias
Programa semanal	Compilação dos “drops” enviados ao longo da semana, com informações complementares, gerando um programa de 20 a 25 minutos.	Rádio (AM e FM) Site, plataformas e clientes de <i>podcast</i>
Relatórios analíticos	Resumo das pesquisas realizadas no contexto do projeto, em formato de texto.	Site
Vídeos educativos	Coluna semanal no Opinião Pernambuco, de até 3 minutos, desmentindo <i>fake news</i> ou analisando estratégias desinformativas	TV Universitária Instagram (IGTV)
	Vídeos didáticos, de até 1 minuto, orientando o usuário para lidar com <i>fake News</i>	TV Universitária (nos intervalos da programação) YouTube

Além disso, houve um esforço contínuo de mapear maneiras de alcançar novos públicos e estabelecer novas parcerias, com base na articulação com organizações, movimentos sociais e líderes comunitários. A lista de transmissão do WhatsApp da Rádio Paulo Freire, criada em 9 de junho de 2020, conta com 59 inscritos – que, por sua vez, repercutem os conteúdos recebidos para outros grupos de que fazem parte no aplicativo, tirando proveito do seu potencial multiplicador. Além da lista de transmissão, o telefone da Rádio Paulo Freire também faz parte de dois outros grupos, como o Movimento SUS nas Ruas (com 257 membros) e o curso de Rádio, TV e Internet da UFPE (com 89 membros). Embora não haja meios de aferir precisamente a quantidade de pessoas efetivamente atingidas pelos conteúdos distribuídos via WhatsApp,

cabe mencionar que os *feedbacks* enviados via lista de transmissão foram positivos. Abaixo, alguns comentários de usuários que reconheceram a importância do trabalho e alegaram estar compartilhando os áudios em suas próprias redes.

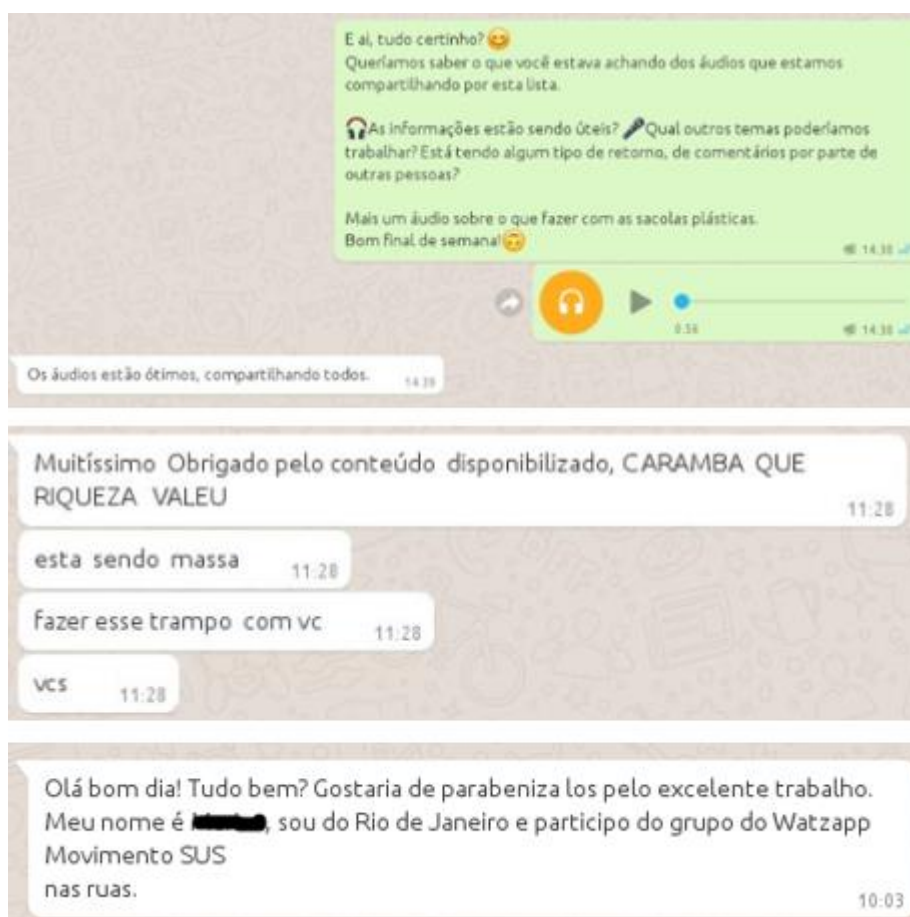


Figura 06: Colagem de depoimentos recebidos via lista de transmissão no aplicativo WhatsApp

Dessa forma, embora não seja uma plataforma específica para arquivos de áudio, o aplicativo de mensagens mostrou-se como importante plataforma de atuação para que os conteúdos da rádio pudessem ser acessados por públicos distintos, atingindo as pretensões de um projeto de extensão universitária.

Em todas as ações da Rádio Paulo Freire, a organização de trabalho foi colaborativa e descentralizada, de modo que cada tarefa foi distribuída entre

vários atores fisicamente distantes uns dos outros, divididos em equipes coordenadas por um dos professores associados que, a despeito de seu papel de orientação, participam da roteirização, gravação e edição de conteúdos em cada um dos seus dois grandes eixos de produção. Na interface desses dois eixos, trabalhava uma equipe de redes sociais, também composta por docente e discentes, responsáveis pelas peças de divulgação, planejamento e publicação dos conteúdos nas plataformas digitais.

A interlocução e intercâmbio de conteúdos envolveu outras emissoras, como a Rádio Comunitária Aconchego e a Rádio Frei Caneca FM 101.5, coletivos como o Fórum de Mulheres de Pernambuco e articulações de bairro, como o Força Tururu e a Rede Orgânica de Olinda; entidades que trabalham comunicação alternativa, como o Centro de Mulheres do Cabo (com o programa Rádio Mulher, que vai ao ar de segunda à sexta, das 8 às 9h, pela rádio comunitária Calheta FM 98.5) e o Brasil de Fato (que veicula sua programação radiofônica todos os dias pela Rádio Clube AM 720, das 7 às 8h); outros projetos voltados para ações de saúde, educação e solidariedade em torno da pandemia, como o Mãos Solidárias e o Periferia Viva.



Figura 07: Página da Rádio Frei Caneca FM divulga intercâmbio com a Rádio Paulo Freire

Fonte: Frei Caneca. Disponível em: <http://www.freicanecafm.org/salada-pop-veicula-spots-produzidos-por-estudantes-sobre-prevencao-covid-19>. Acesso em 07 jul. 2020.

As ações desenvolvidas pela Rádio em período de crise sanitária, que não apenas propiciou um cenário de desinformação e ataques à ciência, como também impôs o trabalho remoto, exploraram variadas formas de veiculação de seus conteúdos. Isso se deu não somente pelas articulações com outras rádios, mas pela produção de conteúdos específicos para plataformas digitais. Embora o rádio seja a mídia de referência, a noção de “rádio expandido” foi crucial para a construção desse modelo de produção.

A partir do Quadro 02, é possível perceber que as ações investiram em diversas possibilidades de distribuição, recepção e circulação. Ao permitir o livre fluxo dos conteúdos em diversas plataformas de mídias digitais, de recepção assíncrona, além da articulação com diferentes emissoras de rádio, de recepção síncrona, os projetos exploram potencialidades de um amplo ecossistema midiático, considerando a mudança no consumo de mídias da população, bem como o ambiente de cultura participativa propiciado pelas plataformas de mídias sociais como Facebook, YouTube, Instagram e do aplicativo mensageiro no WhatsApp. A estratégia de distribuição e circulação desses conteúdos dependeu de um esforço de articulação com múltiplos atores interessados em propagar informação cientificamente embasada e combater a desinformação em suas comunidades, concretizando o potencial de rádios universitárias como plataformas de articulação social.

Considerações finais

Em função de todas essas iniciativas, a Rádio Paulo Freire funcionou, durante o momento de distanciamento social, como uma plataforma de produção e distribuição não apenas para o NTVRU, mas para distintos parceiros dentro e fora da universidade. Como descrito, o site operou como um grande repositório de conteúdos disponibilizados livremente para outras rádios web e rádios comunitárias, bem como para coletivos de bairro e comunitários engajados no enfrentamento da Covid-19. Além do site, os perfis da rádio em diversas plataformas de redes sociais funcionaram como vetores de

distribuição desses conteúdos, permitindo a sua ampla circulação por meio dos compartilhamentos de ouvintes e parceiros dos projetos.

Embora a equipe não possua os recursos para mensurar o alcance quantitativo desses conteúdos nas diversas plataformas digitais, a articulação com as redes parceiras permite inferir que os áudios ao menos atingiram os públicos pretendidos – populações em situação mais vulnerável e sem acesso à informação de qualidade. Um episódio parece ser ilustrativo da repercussão das ações da Rádio Paulo Freire nas comunidades. Ao ser procurada por uma equipe do Jornal Nacional (JN) para tratar de iniciativas de enfrentamento do novo coronavírus nas periferias do grande Recife, a coordenadora do Centro Comunitário Mário Andrade, no bairro do Ibura, Joelma Andrade, apontou os áudios do Manda no Zap como uma das ações. O reconhecimento da líder comunitária dos *spots* como uma fonte de orientação para os moradores levou a equipe do JN a incluir o Manda no Zap em reportagem veiculada no dia 25 de julho de 2020²⁷.

Os conteúdos produzidos em torno da pandemia da Covid-19 também permitiram a aproximação da Paulo Freire com outras importantes iniciativas de comunicação alternativa, como o Brasil de Fato, que inseriu os conteúdos do “Manda no Zap” em seu programa diário veiculado na tradicional Rádio Clube de Pernambuco. Além de inserido na Rede Nacional de Combate à Desinformação²⁸, que reúne mais de 30 projetos parceiros de várias estados e instituições do Brasil, o “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus” permitiu a interlocução direta com representantes locais de movimentos nacionais, como MST e MTST, interessados no planejamento de ações conjuntas de comunicação popular, a partir, por exemplo, de iniciativas de “Rádio zap” ou “Rádio bike”, ensaiadas nesta experiência de produção de conteúdos *com* e *para* as periferias.

Todos os projetos realizados pela Rádio Paulo Freire, como parte do enfrentamento à pandemia da Covid-19, assim como sua própria existência,

²⁷27. Cf. https://globoplay.globo.com/v/8727499/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar

²⁸28. Cf. <http://rncd.com.br/>, <http://www.rncd.org/>

reconhecem a comunicação como ato político que, nessas experiências relatadas, manifesta-se, sobretudo, pelas articulações que proporcionaram entre distintos atores sociais. Em tempos em que o ataque à ciência e à produção acadêmica das universidades públicas tem sido intenso, o trabalho da equipe da emissora colaborou com a difusão do conhecimento produzido nas universidades, bem como em instituições e grupos de pesquisa de diversos parceiros do setor, propondo a elaboração e difusão de conteúdos qualificados acerca do enfrentamento à crise sanitária e combate à desinformação.

Houve, de um lado, articulações entre professores e estudantes universitários com comunicadores populares, lideranças de bairros, coletivos e movimentos sociais, bem como colaborações entre professores e estudantes de diferentes setores da UFPE e de outras instituições. Um vetor fundamental para tais articulações continua sendo o pensamento paulofreireano (FREIRE, 2015; 2006; 1983; 1980), que tem orientado a construção da rádio escola da UFPE, e cuja principal lição é “fazer juntos”.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Usuários de smartphone devem atualizar WhatsApp, orienta empresa.** 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-05/usuarios-de-smartphone-devem-atualizar-WhatsApp-orienta-empresa>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

DEUS, Sandra de. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, 2003, v. 9, n. 2, p. 327-338.

FECHINE, Yvana; GOUVEIA, Diego; ALMEIDA, Cecilia; COSTA, Marcela; ESTEVÃO, Flávia. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de Transmídiação na Ficção Televisiva Brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FOLHA DE S.PAULO. **WhatsApp atinge 2 bilhões de usuários.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/WhatsApp-atinge-2-bilhoes-de-usuarios.shtml>. Acesso em 05 jul. 2020.

FIRMINO DA SILVA, Fernando; MELO, Rafael de Araújo. A modificação no fluxo de abastecimento de informação nas redações jornalísticas. In: NUNES, Pedro (org.). **Jornalismo em ambientes multiplataforma** [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. (1ª ed.: 1969). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

JORNAL NACIONAL. Professores do interior do Ceará vencem isolamento e diferenças tecnológicas com uso do rádio. **G1**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/03/professores-do-interior-do-ceara-vencem-isolamento-e-diferencas-tecnologicas-com-uso-do-radio.ghtml>. Acesso em 07 jul. 2020.

IRIS - Instituto de Referência em Internet e Sociedade. **Zero-rating: uma medida de exceção**. Disponível em: <https://irisbh.com.br/zero-rating-uma-medida-de-excecao/>. Acesso em 05 jul. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**. Criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: Interações no rádio social. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 11, n. 30. São Paulo, janeiro de 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**. Linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda; VERAS, Dimas Brasileiro. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). **Estudos Universitários, revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco**, v. 24/25, n. 5/6, pp. 1-78. Recife, dez. 2004.

SANTANA, Adriana. Programa Fora da Curva. Quando o jornalismo se transforma em resistência frente ao avanço do conservadorismo político. **Conferencia de Comunicación y**

Cultura Popular en América Latina y el Caribe. Santiago: Universidad de Chile, 2019. (Anais de evento).

TRINDADE, Rodrigo. Graças a streaming, consumo de podcast cresce a galope no Brasil neste ano. **UOL**. 2019. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/21/impulsionado-por-streaming-consumo-de-podcast-cresce-67-no-brasil-em-2019.htm>. Acesso em 05 jul. 2020.